

Educação física escolar e aprendizagem social: proposição e materialização realizada na escola pública

Yone Cristiane Rocha Cezar
Universidade Federal de Santa Maria
yonercezar@gmail.com

Cyro Souza Alfarth
Universidade Federal de Santa Maria
cyroalfarth@hotmail.com

Thaiane Bonaldo do Nascimento
Universidade Federal de Santa Maria
thaianebonaldo@yahoo.com.br

Elizara Carolina Marin
Universidade Federal de Santa Maria
elizaracarol@gmail.com

Resumo

Este texto resulta de um estudo que objetivou investigar a Educação Física Escolar como campo de aprendizagem social: possibilidades e contradições. Para sua consecução identificamos como necessário compreender a função social da Educação Física, tendo como esteio a categoria Aprendizagem Social discutida na obra de Bracht (1992), e compreender o que os professores de Educação Física pensam e propõem em torno da Aprendizagem Social no contexto de sua prática pedagógica. Para tal, realizamos uma entrevista em profundidade. Inferimos por meio da fala do professor entrevistado a dificuldade de transformação no processo educativo, limitando o seu trabalho pedagógico ao modelo estabelecido de escola e educação. Contudo, dentro das limitações impostas, a atuação do professor condiz com o que Bracht (1992) denomina de Aprendizagem Social, pois o mesmo leva a cultura local dos estudantes para dentro do âmbito escolar e efetua debates sobre estas. Para além, não negligencia os esportes hegemônicos, mas elabora uma problematização sobre esses, para que os estudantes tenham vivências necessárias para o desenvolvimento de sua totalidade enquanto cidadãos críticos.

Palavras-chave: Aprendizagem Social. Educação Física. Escola.

Introdução

As instituições educacionais têm como função, segundo Saviani (2005, p. 52) a promoção do ser humano, ou seja, de “torná-lo cada vez mais capaz de conhecer os elementos de sua situação a fim de poder intervir nela transformando-a no sentido da ampliação da liberdade, comunicação e colaboração entre os homens”, via saberes científicos, técnicos, estéticos, dentre outros. No processo educacional não apenas o professor se revela importante, mas também, o estudante, a escola e a sociedade.

A escola apresenta-se como uma das principais vias de formação de um cidadão ativo e crítico. Nas palavras de Saviani (2005, p. 14), a “escola é uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado”. Ou seja, não de qualquer conhecimento, mas o elaborado com método, em outros termos, o conhecimento científico.

A Educação Física enquanto componente curricular da Educação Básica contribui com a socialização do conhecimento sistematizado no processo histórico, relativo à sua especificidade, ou seja, a cultura corporal. A apreensão da cultura corporal, nas palavras de Castellani (1997), é considerada a função social da Educação Física, a qual representa uma dimensão da realidade social, isto é, levar o estudante à constatação, demonstração, compreensão e explicação de uma parte da cultura.

Entendemos ser relevante estudar a Educação Física como aprendizagem social a fim de contribuir para pensar à função social deste componente curricular escolar. A pergunta que se coloca é: quais são as proposições e materialização sobre a aprendizagem social realizada por um professor de Educação Física Escolar no contexto das suas aulas?

Assim, o presente estudo tem por objetivo investigar a Educação Física Escolar como campo de aprendizagem social: explorando suas possibilidades e contradições.

O estudo procura servir como “ponte” para um novo trato da Educação Física dentro das escolas, no que se refere à Aprendizagem Social. E provocar ações no sentido de uma Educação Física desvinculada ao enfoque de esportes de alto rendimento e voltada para um ensino onde todos tenham acesso as manifestações da cultura corporal donde se priorizam as questões sociais que

permeiam o meio onde o aluno se encontra, em busca de uma transformação social desejada para este desempenhar seu papel como cidadão ativo. Ademais, se encontram poucas publicações sobre a área, levando a fomentar o interesse para novas publicações.

Encaminhamentos Metodológicos

Para efetivação do estudo identificamos como necessário compreender a função social da Educação Física, tendo como esteio a categoria aprendizagem social discutida na obra de Bracht (1992). E, para compreender o que o professor de Educação Física pensa e propõem em torno da aprendizagem social no contexto de sua prática pedagógica, buscamos realizar trabalho de campo, que, como elucida Minayo (2007, p. 61) “permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta” e estabelece uma interação com os sujeitos que compõem essa realidade.

Identificamos como necessário identificar docentes que pela sua formação e trajetória pessoal e profissional tenham clareza (práxis) sobre a função social do componente curricular Educação Física. Para tal, dois procedimentos metodológicos foram necessários: a) levantamento de professores com este perfil (neste caso a mediação do Grupo de Pesquisa em Lazer e Formação de Professores foi fundamental); b) e entrevista em profundidade.

Minayo (2007) destaca que, a entrevista em profundidade permite que o informante fale livremente sobre um tema. As perguntas elencadas pelo investigador são formuladas com a intencionalidade de dar mais profundidade às reflexões. Em função do tempo exíguo para realização deste trabalho adotamos entrevistar um (01) professor, o qual tem formação em bacharelado e licenciatura em Educação Física finalizada, respectivamente em 2010 e 2013, pós-graduação lato sensu (2013) e strito sensu (2015). Marcos (nome fictício a fim de preservar a identidade do entrevistado), na graduação atuou efetivamente no movimento estudantil e, atualmente, em movimentos sociais urbanos. Atua como professor da rede estadual nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, com carga horária de 20 horas semanais.

A educação física como campo de aprendizagem social

Voltar o olhar à aprendizagem social no âmbito escolar, mais especificamente no componente curricular Educação Física, requer ver além do desenvolvimento das capacidades físicas e motoras, mas, fundamentalmente, destaca Bracht (1992), promover uma experiência social, ou seja, um processo essencial da socialização do aluno no meio onde vive em prol da participação, da autonomia, e da criticidade destes.

Bracht (1992) define a socialização, como a sequência de experiências de aprendizagem social cujo resultado é a integração do indivíduo na sociedade, ou seja, não é um processo neutro, e sim um processo que ocorre em contextos específicos e no bojo de valores específicos. Segundo o autor:

“A socialização envolve a aquisição de capacidades (habilidades) físicas e sociais, valores, conhecimentos, atitudes, normas e disposições que podem ser aprendidas em uma ou mais instituições social, a exemplo da família, da escola, do esporte, e ainda através dos meios de comunicação” (BRACHT, 1992).

Mas compete à escola pública, segundo Bracht (1992), que por sua vez faz parte do contexto que engloba a sociedade, desenvolver uma ação pedagógica com “força transformadora”.

O caminho utilizado por Marcos, nessa direção, conforme explica:

“[...]entender a dinâmica da escola e dos alunos. Fiz um diagnóstico da prática social deles, daquela comunidade, quais são as demandas, as carências e as necessidades e como a educação física pode estar contribuindo. A partir daí eu fui construindo um conteúdo pra trabalhar com eles em aula. A gente identificou que eles tinham acesso ao skate, a cultura hip-hop, de forma bastante precária, mas era algo que eles reivindicavam na escola e que não tinha, mas que na comunidade era presente. A questão do grafite, da cultura de rua, assim, aos poucos, eu fui introduzindo. Como eu não tive muito essa formação na universidade dessa cultura que está emergindo fui aprendendo com eles. Então parte da própria prática social deles, do que eles tem de entendimento, pra daí,

formular conteúdos que avance em diversos temas que a gente debate na escola desde a violência, a questão de gênero. A gente vai trabalhando com questões que ocorrem no cotidiano e de uma forma didática, de uma forma pedagógica tenta contribuir pra fazer eles refletirem sobre isso”.

Acentua que também adota como suporte fundamental o método proposto por Saviani, na obra “Escola e Democracia: teorias da Educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política”. Uma estratégia utilizada é a adoção do “caderno didático”, donde parte a cada aula. Um caderno de sistematização do debate dos conteúdos a serem tratados, utilizado no começo de cada aula.

Para Marcos, o horizonte objetivado é “elevar o padrão cultural dos alunos” socializando os elementos que historicamente a humanidade foi construindo em torno da cultura corporal. Fundamentalmente, procura “contribuir pra uma formação que emancipe”. Não obstante, o entrevistado adverte que:

“[...]a gente se vê num mar de contradições dentro da escola por que ela é uma estrutura enrijecida pra formar pro mercado de trabalho. Então o que é diferente não é bem visto. Há criminalização, muitas vezes, pelo que tu faz, pela roupa que tu usa, pela cultura que tu tenta trabalhar, por tratar da realidade do aluno”.

Contradições que se expressam também na infraestrutura que a escola dispõe para o componente curricular da Educação Física tanto em termos de espaços como de materiais. A Escola Pública dispõe precariamente de infraestrutura para os conteúdos hegemônicos da Educação Física (dentre estes, os esportes), mas inexistente infraestrutura para os conteúdos que advêm da cultura da comunidade escolar ou da produção de diferentes contextos. Adaptar tem sido um caminho para garantir tais conteúdos, todavia não com a qualidade desejável. Vale elucidar a experiência de Marcos:

“A gente tem um ginásio, mas é muito precária pra se desenvolver um trabalho novo. Acho que a gente teria que ter acesso ao que tem de melhor das novas tecnologias, a

que tem melhor do skate, da bike, do rap, de equipamentos de mídia. Hoje a gente não tem isso. Para as aulas de rap eu levo a minha caixa de som e o meu computador. Aí as crianças utilizam o meu computador, vão ali mexem nele, na minha caixa de som, por que a escola não dá esse suporte, a educação como um todo, a educação pública. Além de não ter os materiais a gente precisa montar. O skate, esses dias quebrou e a gente conseguiu peças com os próprios alunos. Eles foram trazendo peças e a gente montou um skate. A rampa a gente mesmo montou com umas mesas velhas da escola. A escola não apoia muito essa iniciativa, porque é uma iniciativa cara e que parece não estar em consonância com que a escola requer pros alunos. É uma cultura um pouco marginalizada o próprio rap, hip-hop (...). O rap é uma cultura que faz com que eles relatem essa realidade deles e às vezes não é bom pra escola escutar isso e todos esses problemas que tem ali. A escola tenta criar um ambiente perfeito”.

A função social como pressuposto e horizonte do trabalho pedagógico exige como demonstra Marcos, não negar a cultura hegemônica, mas utilizá-la como passaporte para problematizar e ampliar o conhecimento com fins de apropriação, crítica e interação social:

“Eu trabalho com o Futsal. Na escola a gente trabalha com uma equipe também de futsal. Então a gente tem participado dos jogos, não como algo que vá incutir neles que vão ser atletas, mas algo que a escola permita coletividade, interação entre eles, pra além da sala de aula. Então isso faz bem, assim, ter esse contato extra sala de aula com o aluno, vivenciar outros momentos fora da escola. Acho que o esporte é importante na formação da pessoa, por mais que estejam organizados pra uma ou outra equipe ganhar. Acho que ele tem um elemento pedagógico importante que a gente tem que saber explorar. Não podemos negar o esporte”.

No contexto da materialização do trabalho pedagógico que adota como pressuposto a função social, uma figura assume centralidade, o aluno, e, conseqüentemente, a construção de uma relação de confiança entre professor e aluno, nem sempre bem vista pela gestão, como exposto anteriormente:

“A relação com os alunos é muito amistosa, até pela questão de usar boné também. Eles referenciam bastante isso, de eu me vestir fora do padrão que a escola exige. Até uma avaliação que a diretora citou numa reunião pedagógica era de que a gente precisava ver as roupas que a gente ia na escola, meio que dando uma indireta. Só que os alunos veem com maior naturalidade, por que é comum no meio deles. Então eles te colocam como um deles. É uma relação muito amistosa que as vezes eu me perco um pouco nisso, por estar começando, e a gente, as vezes, perde um pouco os objetivos da aula, nessa relação. Mas, sabendo trabalhar dá pra ser uma relação bem amigável com os alunos e não como alguém que vai punir caso errem”.

Os desafios que se impõem aos professores que exercem a militância no âmbito da socialização e construção do conhecimento e, no caso deste estudo, via instituição escolar, são grandes. Requer convicção, perseverança, formação constante, além de “estar conectado com tudo que está acontecendo, com todos os debates que ocorrem não só na área, mas do próprio mundo do trabalho”, assinala Marcos.

Como elucida Bracht (1992, p.65), é imprescindível desenvolver uma pedagogia “que possibilite aos indivíduos pertencentes à classe dominada, aos oprimidos, o acesso a uma cultura esportiva desmistificada”, em busca de analisar criticamente os conteúdos, situá-los e relacioná-los com todo o contexto sócio-econômico-político e cultural, sendo esse um componente básico das pedagogias críticas.

Sob estes pressupostos a Educação Física contempla conteúdos, instrumentos e ferramentas pedagógicas privilegiadas para colocar o aluno em contato com a sua realidade e para questioná-la.

“Acho que a Educação Física tem uma diversidade de possibilidades, mais do que as demais disciplinas, por que ela foge daquele ambiente bastante tradicional da sala de aula, que reproduz mecanicamente muita coisa. Então ela te abre um leque assim de possibilidades de trabalho com a cultura, com a arte, com as linguagens, que é algo que necessita ser mais explorado”.

Em resumo, para Marcos, o trabalho pedagógico como prática social permite que os alunos “se identifiquem com ela [a Educação Física], não se neguem através dela, mas se reconheçam através e se sintam parte da sociedade, do mundo, e não marginalizados”.

E, como via de mão dupla, abre possibilidade para o professor conhecer e compreender, de perto, a juventude, o que estão pensando, assimilando, referenciando e perspectivando. Nas palavras de Marcos “é algo muito importante pra nós professores que formulamos conteúdos, que pensamos a realidade também e tentamos transformar isso numa prática pedagógica. A gente tem que estar em consonância com aquilo que os jovens pensam hoje”.

Conclusão

Ao final desse estudo, podemos inferir que cada ideal de sociedade atribui um ideal político de educação, sendo a escola de caráter público a instituição escolar atende aos seus ideais de seu mantenedor, ou seja, o Estado. Nesse sentido, a Educação Física no transcorrer dos tempos passou por transformações pedagógicas, imbricadas aos ideais societários hegemônicos. E foram, os interesses de cada período histórico que justificaram e ainda justificam a permanência desse componente curricular dentro da escola, assim como a forma que se aborde a aprendizagem social.

Os pressupostos dos diferentes períodos históricos transparecem na construção da escola contemporânea, e conseqüentemente na Educação Física. Assim, a fala do professor demonstra a dificuldade de transformação no processo educativo, limitando o seu trabalho pedagógico ao modelo estabelecido de escola e educação.

Dentro de limitações impostas, a atuação do professor condiz com o que Bracht (1992) denomina de Aprendizagem Social, pois o mesmo leva a cultura local dos estudantes para dentro do âmbito escolar e efetua debates sobre estas. Para além, ele não negligencia os esportes hegemônicos, mas elabora uma problematização sobre esses, para que os estudantes tenham vivências necessárias para o desenvolvimento de sua totalidade enquanto cidadãos críticos.

Após o aprofundamento sobre a Aprendizagem Social na Educação Física e da análise da entrevista do professor, cabe destacar que a Educação desejada hoje deveria contemplar os pressupostos almejados por Bracht (1992). Para tal, não só a formação de professores, mas que estes tenham, por exemplo, uma formação continuada, a fim de criar a consciência de que são responsáveis em oferecer condições dignas de aprendizagem aos alunos, sem esquecer que a escola já é possuidora de uma cultura local.

A Aprendizagem Social, segundo Bracht (1992), só se daria se a relação professor-aluno fosse uma interação horizontal, onde o aluno também é sujeito de seu aprendizado social, por meio das culturas que este iria se apropriar ao longo de sua vida.

Almeja-se uma Educação Física, desvinculada dos ideais dominantes e que permita aos alunos o acesso ao conhecimento das manifestações culturais. Ou seja, busca-se a construção de conhecimentos reais, em conjunto com os alunos e que não somente façam, mas também produzam sentido para a vida dos alunos.

Referências

Bracht, V. (1992). *Educação Física e aprendizagem social*. Magister.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.

Castellani Filho, L. (1997). *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Papirus Editora.

Dayrell, J. (2000). A escola como espaço sócio-cultural. *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 136-161.

MINAYO, M. C.S. (2007). Trabalho de Campo: contexto de observação, interação e descoberta. *Pesquisa Social: teoria, Método e Criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes, 61-78.

SAVIANI, D. (2005). História da escola pública no Brasil: questões para pesquisa. *A escola pública no Brasil. História e historiografia*. Campinas: Autores Associados, 1-29.